
A percepção na semiótica discursiva: contribuições da semio-historiografia*

Patricia Veronica Moreiraⁱ

Resumo: Existem, na comunidade de semioticistas, questionamentos relacionados ao tipo de presença da fenomenologia de Merleau-Ponty (1999 [1945]) na semiótica discursiva (Zilberberg, 2011). Buscando contribuir para a discussão, este trabalho tem como objetivo principal retomar o conceito de percepção nas obras *Sémantique Structurale* (1966) e *Maupassant. La sémiotique du texte: exercices pratiques* (1976), ambas de Algirdas Julien Greimas, correlacionando-as com fontes anteriores (Merleau-Ponty, 1999 [1945]; Allport, 1955; Quillian, 1962). Esse debate, que muito interessa à questão do sensível no projeto greimasiano, apoia-se na historiografia linguística (Altman, 2009; Koerner, 2014; Swiggers, 2009, 2013), no que tange ao princípio de influência, e na semiótica tensiva (Zilberberg, 2000; Zilberberg; Fontanille, 2001), sobre a mestiçagem, chegando a uma análise semio-historiográfica das citações tensivas (Santos, 2020; Moreira; Santos; Portela, 2021) para estabelecer em que medida a percepção faz parte do escopo teórico-metodológico da teoria, ou se pertence apenas ao âmbito da retórica nos trabalhos iniciais de Greimas.

Palavras-chave: semiótica discursiva; percepção; semio-historiografia; sensível.

* DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2023.215434>.

ⁱ Doutora pelo Programa de Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras (Unesp-FCL), Câmpus de Araraquara-SP, Brasil. E-mail: moreira.patricia.lettras@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4011-9909>.

Introdução

O trabalho conduzido pelo historiógrafo linguista pressupõe uma série de limitações que, segundo Pierre Swiggers (2017), são inevitáveis pelo fato de que aquele se alicerça em fontes e parte do princípio da subjetividade. A primeira limitação envolve a incompletude, enquanto a segunda expõe um viés nem definitivo nem neutro por parte do pesquisador (Swiggers, 2017). Assim, é prudente que este tenha ciência de que as análises finais apresentem “pontas soltas” quase que “incontornáveis”. Dito de outra forma e fazendo uma analogia com a fenomenologia, a visada perceptiva nos direciona para a consciência de alguma coisa que é sempre incompleta.

Tomemos como exemplo a percepção do objeto “mesa”. Segundo Tinoco (1997, p. 239), quando olhamos uma mesa, percebemos perfis. Se damos a volta ao redor dela, aumentamos esses perfis percebidos. Contudo, ainda assim temos somente os esboços do objeto visado, ou seja, o que nos permite separar o que nos é interior do mundo exterior da “melhor [maneira] possível, assumindo que a apreensão de algo só pode ser imperfeita” (Fontanille, 1999, p. 45) é a própria impossibilidade da completude. O mesmo ocorre com o trabalho historiográfico.

Cientes das limitações listadas por Swiggers (2017), buscamos construir, neste trabalho, um horizonte retrospectivo da semiótica discursiva para demonstrar que alguns momentos mais marcantes, as conhecidas viradas, servem de pressuposto dentro da comunidade científica como forma espaço-temporal de localização e desenvolvimento da própria teoria. Nesse caso, abordaremos a “virada fenomenológica”, mais especificamente o conceito de “percepção” para corroborar a hipótese de que o sensível possui um aspecto contínuo (Moreira, 2019) no pensamento greimasiano, pois está presente desde as primeiras publicações de Greimas, como “L’actualité du sassurisme” (1956) e a obra seminal *Sémantique Structurale* (1966), estabelecendo-se, por fim, com a publicação de *De l'imperfection* (1987), que se tornou inegavelmente um marco para os semioticistas em geral. A título de exemplo, no “Prólogo” de *Elementos de semiótica tensiva*, Claude Zilberberg (2011) afirma que:

Efetiva ou não, justificada ou não, essa “virada fenomenológica” constitui uma intimação. Fazendo suas as posições da fenomenologia, em especial a que se configura na obra de Merleau-Ponty, não estaria a semiótica se afastando de sua dupla referência, saussuriana e hjelmsleviana? (Zilberberg, 2011, p. 12).

Diante das palavras de Zilberberg (2011), perguntamos: em que medida podemos afirmar que a percepção seria uma intimação ou uma das aporias encontradas no território semiótico, como defendem alguns semioticistas? Para Waldir Beividas (2011), Greimas não acolheu a fenomenologia de maneira tão

profunda como se acredita atualmente, ela foi uma escolha epistemológica necessária à época. Do ponto de vista historiográfico, pensando no clima de opinião¹ dos anos 1950, mais especificamente o do estruturalismo, não podemos descartar que a fenomenologia merleau-pontyana estava em voga na época (Dosse, 2007).

Considerando essas primeiras reflexões, nosso objetivo, neste trabalho, é verificar em que medida a percepção faz parte do escopo teórico-metodológico da teoria ou se estaria apenas no âmbito da retórica nos trabalhos iniciais de Greimas. Para tanto, utilizamos a metodologia da própria semiótica discursiva e da historiografia linguística, que consistiria em uma semio-historiografia,² com o intuito de contribuir para os estudos voltados ao “princípio de influência”, na medida em que este princípio auxilia na verificação de elementos vestigiais escassos no enunciado enunciado, segundo Joseph Courtés (1986). Nesse sentido, nos apoiaremos nas pesquisas de Cristina Altman (2009) e Ernst Frideryk Konrad Koerner (2014) sobre influência, nos estudos realizados por Zilberberg (2000) em torno da mestiçagem e, para abordarmos as citações tensivas, em Moreira, Santos e Portela (2021, no prelo).

Assim, discutiremos, nas seções seguintes, o papel da percepção na cartografia do sensível (Moreira; Portela, 2022) e a metodologia que adotamos, para, em seguida, analisarmos o conceito de percepção nos trabalhos de Merleau-Ponty (1999 [1945]) e Floyd Henry Allport (1955), e a recepção (influência) desse conceito em Algirdas Julien Greimas (1966, 1976) e Ross Quillian (1962).

1. Cartografia do sensível: notas sobre a percepção

Desde a Antiguidade Clássica, nota-se que o sensível se opõe ao inteligível, por apresentar prejuízo na relação homem-mundo, sendo a racionalidade exaltada por cientistas de diferentes correntes teóricas (como o pensamento cartesiano), resultando, por sua vez, na decisão de deixar excluídos os temas em torno da subjetividade no pensamento científico (Moreira, 2019). Exemplo disso é o fato de que, durante o estruturalismo, no século XX, havia a crença de que o homem não tinha essência, aliás, ele sequer existia (Wolff, 2012).

Por outro lado, se abordado o viés da continuidade, essa oposição pode ser vista como mais ou menos intensa, no sentido zilberberguiano, sendo possível mostrar que o sensível pode ter tido uma presença e/ou ausência de maior ou

¹ Segundo Ronaldo de Oliveira Batista (2020, p. 33), o clima de opinião está relacionado com “[...] (a atmosfera social, política, econômica, intelectual e cultural) de cada época em que se constituíram fundamentos teóricos e práticos para a atividade de reconstrução do passado (e mesmo do presente)”.

² O termo “semio-historiografia” surge na investigação de doutorado de Flavia Karla Ribeiro Santos (2020), ao estudar a figuratividade na Semiótica, entrelaçando elementos metodológicos da Semiótica e da Historiografia Linguística, na esteira dos trabalhos de Jean Cristtus Portela (2018) e de Patricia Veronica Moreira (2019).

menor intensidade também na história da semiótica discursiva. Assim, faz-se legítima a tentativa de constituir elementos de uma cartografia do sensível, cuja rede conceitual pode ser recuperada segundo a história das ideias, já que os saberes se constroem na longa duração do tempo, favorecendo a acumulação do conhecimento. Dessa forma, a recuperação pelo parâmetro temporal coloca em movimento uma narrativa que repara e restaura alguns elementos (Colombat; Fournier; Puech, 2015), nesse caso, o sensível, visto como lexema englobante desta análise.

Iniciamos nossa breve cartografia (Moreira, 2019; Moreira; Portela, 2021, 2022) definindo o sensível de acordo com o dicionário *Le Petit Robert* (2007).³ Esse lexema é oriundo do latim *sensibilis*, século XIII, isto é, “qui peut être senti” (que pode ser sentido), e do latim medieval “qui peut sentir” (que pode sentir), em outras palavras, dotado da faculdade de provar sensações. A última acepção apresenta uma conotação mais ativa, enquanto a primeira é mais passiva, fazendo parte da família etimológica de *sentir*, do latim *sentire*, em que o particípio passado é *sensus*: “percevoir par les sens; par l’intelligence” (perceber pelos sentidos; pela inteligência).

A partir do século XII, a sanção positiva ou negativa do sentir apareceu, pois o bom senso (Le Petit Robert, 2007, s.p.) passou a ser entendido como a “capacité de bien juger, sans passion, en présence de problèmes qui ne peuvent être résolus par un raisonnement scientifique” (capacidade de julgar bem, sem paixão, na presença de problemas que não podem ser resolvidos por meio do raciocínio científico). Destaca-se que existe, nessa definição, a oposição entre o que é da ordem do científico e o que é da ordem da paixão. Na tentativa de contrapor o dicionário de língua, retomamos o *Dicionário de Filosofia* que define o sensível como aquilo que pode ser percebido pelos sentidos; aquilo que tem a capacidade de sentir; tem bom senso; tem capacidade de empatia (Abbagnano, 2007, p. 872), ou seja, ambos os dicionários se aproximam do sensível em suas definições.

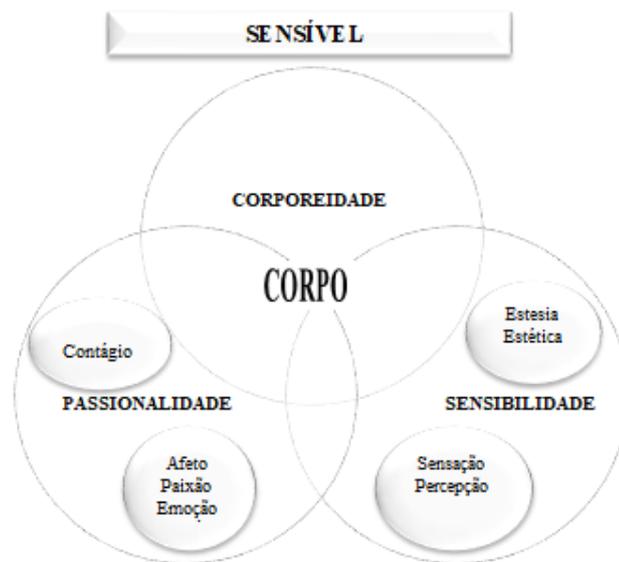
De acordo com pesquisas anteriores (Moreira, 2019; Moreira; Portela, 2021, 2022), a cartografia que estabelecemos do sensível na semiótica discursiva se apropria de lexemas recorrentes nos trabalhos publicados por diferentes autores, sobretudo por Greimas, Landowski, Fontanille e Zilberberg, a partir dos anos 1960 até a primeira década dos anos 2000. Embora a cartografia esboçada neste texto (ver Figura 1) não seja exaustiva, ela nos possibilita problematizar a amplitude do tema em questão.

Começamos tomando o lexema sensível como hiperônimo (termo englobante), visto fundar relações com os domínios da sensibilidade, da corporeidade e da passionalidade. Esses domínios englobam outros lexemas

³ Le Petit Robert [eletrônico].

(termos), como: afeto, contágio, corpo, emoção, estesia, estética, paixão, percepção e sensação. Observa-se, nesses lexemas, que a corporeidade, nosso veículo no mundo (Husserl, 1966; Merleau-Ponty, 1999 [1945]), é o domínio do corpo, que nos possibilita apreendê-lo por meio dos domínios da sensibilidade e da passionalidade. Por sua vez, a sensibilidade abrange os termos sensação, percepção, estesia e estética, enquanto a passionalidade abarca os termos afeto, paixão, emoção e contágio. Resumidamente, os três domínios do sensível podem ser alocados segundo o seguinte esquema:

Figura 1: Os domínios e os termos do sensível.



Fonte: Moreira (2019, p. 213).

Embora essa representação do sensível seja hipotética, ela organiza e sistematiza o campo que nos interessa neste trabalho: a percepção na semiótica discursiva, mais especificamente, nas obras *Sémantique Structurale* (1966) e *Maupassant. La sémiotique du texte: exercices pratiques* (1976), de Greimas.

Retomando a cartografia, a percepção, termo oriundo do latim *perceptio*, apresenta diferentes acepções, das quais destacamos as três que consideramos relevantes para a nossa análise. De acordo com Abbagnano (2007), a percepção pode ser o mesmo que: 1) pensamento, 2) conhecimento empírico ou 3) interpretação dos estímulos. A terceira acepção se relaciona com a *Gestalttheorie*, conhecida como a psicologia da forma e entendida como uma teoria da percepção. As principais ideias dessa teoria se resumem no fato de que não existem sensações elementares que compõem um objeto. Em outras palavras, no objeto da percepção, o percebido é o todo, a totalidade.

Ademais, segundo Abbagnano (2007), a *Gestalttheorie* buscou leis que dessem conta da organização dessas totalidades, tais como as de proximidade,

semelhança, direção, entre outras. Desse modo, pode-se dizer que a percepção constitui uma totalidade em que as partes separadas não apresentam as mesmas características. Contudo, as partes do todo são definidas pelas mesmas leis:

O todo assemelha-se à “coisa” de que fala Husserl, a propósito da P. [percepção] transcendente porquanto a essência da coisa integra em si e ao mesmo tempo transcende a totalidade das suas manifestações. Esta é a teoria da P. [percepção] substancialmente aceita em *Phénoménologie de la perception* (1945) de M. Merleau-Ponty (Abbagnano, 2007, p. 724).

Publicada em 1945, pelo filósofo Maurice Merleau-Ponty, a *Fenomenologia da percepção* propôs o estudo das essências da percepção e/ou da consciência. Para o autor, a fenomenologia trata de suspender a atitude natural em direção ao mundo (por isso, transcendental) e ao mesmo tempo trata de ser uma filosofia “[...] para a qual o mundo já está sempre ‘ali’, antes da reflexão, como uma presença inalienável, e cujo esforço todo consiste em reencontrar este contato ingênuo com o mundo, para dar-lhe enfim um estatuto filosófico” (Merleau-Ponty, 1999 [1945], p. 1).

Nesse âmbito, a percepção é o fundo pressuposto por todos os atos que se destacam. O mundo, por sua vez, é o campo de pensamentos e percepções explícitas (Merleau-Ponty, 1999 [1945]). Merleau-Ponty afirma que, não há percepção interior sem a exterior, pois “o mundo, enquanto conexão dos fenômenos, é antecipado na consciência de minha unidade, é o meio de realizar-me como consciência” (Merleau-Ponty, 1999 [1945], p. 15). Não só isso, a maneira como percebemos o mundo é compreendida pelo autor como uma ampliação do nosso campo de presença, sendo o corpo sempre “agente”.

A mediação do corpo com as relações entre as coisas faz com que a natureza seja nossa interlocutora, dialogando conosco e, é por isso que não podemos conceber nada que não seja perceptível (Merleau-Ponty, 1999 [1945]). Não é ao acaso que essa mesma mediação do corpo no mundo aparece na semiótica discursiva via percepção. Desde a *Sémantique Structurale* (1966), Greimas expressa sua escolha epistemológica ao colocar “[...] a percepção como o lugar não linguístico onde se situa a apreensão da significação” (Greimas, 1966, p. 8), admitindo sua preferência pela teoria fenomenológica que, segundo ele, também era a das ciências humanas em geral no século XX.

Como veremos na análise,⁴ desde então, a percepção tem suas formas de se apresentar nos textos semióticos. No *Dicionário I* (Greimas; Courtés, 2008 [1979]), por exemplo, o lexema percepção aparece nas entradas: exteroceptividade, interoceptividade e proprioceptividade:

⁴ Retomaremos, na seção de análise, os termos relacionados à percepção, explicitando sua origem nos trabalhos de Charles Scott Sherrington (1857-1952).

[Exteroceptividade]

As propriedades exteroceptivas, como provenientes do mundo exterior, dos dados interoceptivos que não encontram nenhuma correspondência nele, mas que, pelo contrário, são pressupostos pela percepção das primeiras, e, enfim, dos elementos proprioceptivos que resultam da percepção do próprio corpo [...].

[Interoceptividade]

Homologando exteroceptividade: interoceptividade::

Semiológico: semântico::

Figurativo: não-figurativo [...].

[Proprioceptividade]

[...] Esse termo [proprioceptividade] deve ser substituído pelo termo timia (portador de conotações psicofisiológicas)

(Greimas; Courtés, 2008 [1979], p. 199-393).

Daqui, tiramos uma primeira conclusão: a sistematização inicial do sensível na semiótica se dá com base no princípio de que a percepção é o lugar não-linguístico da significação e do trio que a circunscreve: interocepção, exterocepção e propriocepção (Moreira, 2019). Na próxima seção, demonstraremos como a percepção aparece nas fontes semióticas por meio da semio-historiografia.

2. A percepção vista pela semio-historiografia: aporia ou fonte nos estudos semióticos?

Nesta seção, retomamos os trabalhos de Koerner (2014), de Swiggers (2009, 2013) e de Altman (2009) para tratarmos dos princípios historiográficos, bem como reflexões sobre a citação (Portela, 2018; Moreira, 2019; Santos, 2020; Moreira; Santos; Portela, 2021; Moreira; Santos; Portela, no prelo), embasadas em princípios semio-historiográficos. Na sequência, passamos para a análise da percepção segundo a visada semio-historiográfica.

Seguimos a linha de que a semiótica discursiva e a historiografia linguística podem contribuir mutuamente em uma pesquisa, em especial, quando o interesse recai sobre a problemática da influência (Koerner, 2014). Segundo Moreira, Santos e Portela (no prelo), veremos que este princípio está ligado à leitura, pois o enunciatário de um texto, neste caso, o historiógrafo, está em estreita relação com a análise feita do enunciado. Nesse sentido, durante a pesquisa, ao apontar que um autor pode ter influenciado outro, o historiógrafo certamente estará recorrendo aos traços vestigiais deixados nos enunciados analisados e a semiótica oferece ferramenta útil para o historiógrafo interpretá-los, a exemplo da contribuição de Zilberberg (2000), como veremos mais adiante.

Antes de tratarmos dessa questão, apresentamos as ideias de Altman (2009), Koerner (2014) e Swiggers (2009, 2013) sobre a definição de Historiografia Linguística (doravante HL). Para Koerner (2014, p. 14), a HL “[...] deve ser entendida como uma atividade consciente metodológica e epistemologicamente da escrita da história”. Por sua vez, Altman complementa essa definição ao explicitar que a “historiografia linguística [é] uma disciplina à vocação científica que tem como principais objetivos descrever e explicar como se produziu e desenvolveu o conhecimento linguístico em um determinado contexto social e cultural, através do tempo” (Altman, 2009, p. 128). Por fim, Swiggers (2009), adotando a mesma direção da autora, entende que a HL tem como objeto de estudo a história da linguística e que o “estudo do desenvolvimento das ideias e das práticas linguísticas” (Swiggers, 2013, p. 3) tem nos textos o seu objeto, estejam esses textos publicados ou não.

Ademais, cabe ao historiógrafo a tarefa de descrever seu objeto, interpretá-lo e, conseqüentemente, explicá-lo, levando em consideração a própria história da linguística (Swiggers, 2009); nesse caso, percebemos que tanto o texto quanto a imanência são primordiais para a semiótica e HL.

Levando em consideração esses aspectos, a *influência*, princípio relevante para nossas análises e reflexões, é definida segundo três procedimentos, de acordo com Koerner (2014), para que o analista afirme com maior segurança se existe uma possível influência de um autor sobre o outro, sendo eles: o estudo de materiais biográficos, referentes aos anos de formação do autor pesquisado (*background*); o estudo cuidadoso e comparativo dos textos publicados e não publicados do autor (*evidência textual*); e o estudo das referências efetivamente utilizadas por ele (*reconhecimento público*). Nota-se que o último é o que oferece mais segurança para determinar se há, de fato, alguma influência, já que, pela nossa recente prática acadêmica, os elementos citacionais permitem recuperar, por vezes, com exatidão, o tipo de influência a qual estamos nos referindo.

Nesse quesito, a semiótica tensiva nos auxilia a compreender a construção do discurso referencial, já que estamos falando de uma prática que se apoia no sistema citacional. Esse sistema, seja ele das normas ABNT, APA, VANCOUVER, ou outro, apresenta três tipos de citação: 1- a citação direta, curta ou longa; 2- a citação indireta; e 3- a citação de citação. Como a citação de citação tem uma ocupação textual semelhante à das citações longas, curtas ou indiretas, em conformidade com as normas, optamos por incluir, em nosso esquema, apoiando-nos na evidência textual de Koerner (2014), o que chamamos de citação assimilada (Moreira, 2019; Moreira; Santos; Portela, 2021; Moreira; Santos; Portela, no prelo). Esse tipo de citação também pode ganhar traços do que chamamos de citação alusiva (Moreira; Santos; Portela, no prelo), sobre a qual discorreremos adiante.

Retomando a reflexão sobre a semiótica tensiva, uma contribuição possível à análise dessas citações concerne aos regimes de mestiçagem (Zilberberg, 2000; Zilberberg; Fontanille, 2001). Brevemente, no que diz respeito à construção de valores no discurso, Zilberberg e Fontanille (2001) apontam para dois regimes: o da exclusão (triagem), que se encontra no eixo da intensidade, cuja tonicidade máxima repousa na unidade, e o da participação (mistura), voltada para a extensão, em direção à universalidade. O operador da triagem mobiliza a concentração dos valores enquanto o operador da mistura mobiliza a expansão deles.

Conseqüentemente, trazendo os regimes para as citações, percebemos que, na citação direta longa, estamos alocados no regime da triagem (ver Figura 2), pois temos uma intensidade quase nula da atividade interpretativa do enunciatário (valor), já que não demanda uma visada para “descobrir” os elementos da citação que ali se encontram explicitamente. Existe também uma intensidade tônica de referenciação (Moreira; Santos; Portela, 2021), devido ao recuo textual, no texto-citante, referente ao texto-citado. Esse recuo separa completamente o enunciado citado daquele que o cita.

Ademais, a citação direta longa intensifica a importância do enunciado-outro para o texto-citante, produzindo um valor “mais” veridictório e transparecendo seu sentido e sua fonte de influência, mesmo que a função no texto seja a de negar, revisar e não apenas comparar, apoiar, entre outras (Moreira, 2019; Moreira; Santos; Portela, 2021).

A citação direta curta, marcada pelo uso de aspas duplas, compõe a totalidade do texto-citante, por isso, está mais próxima do regime da triagem, mas já em direção ao regime de mistura. A citação direta curta corresponde ao estado da contigüidade. Nota-se ainda que em ambas as citações (direta longa e curta), encontramos o reconhecimento público do discurso referencial, uma vez que são disponibilizados ao enunciatário dados como: autor, ano e página do texto-citado.

Pertencente ao texto-citante, a citação indireta é constituída de um discurso do texto-citado muito mais próximo do discurso do texto-citante, o que nos leva ao estado de mescla (Zilberberg, 2000). Normalmente, nesse estado ainda obtemos a identificação do reconhecimento público, integral ou parcialmente, uma vez que as citações trazem informações como autoria, datação e, às vezes, paginação. Por fim, na passagem da mescla para a fusão, temos o que chamamos de citação alusiva⁵ (Moreira; Santos; Portela, no prelo). Ao contrário da citação indireta que deixa vestígios referenciais mais precisos, a alusão apresenta uma economia nesse aspecto, em especial, quando lidamos historiograficamente com documentos anteriores ao final do século XIX, período

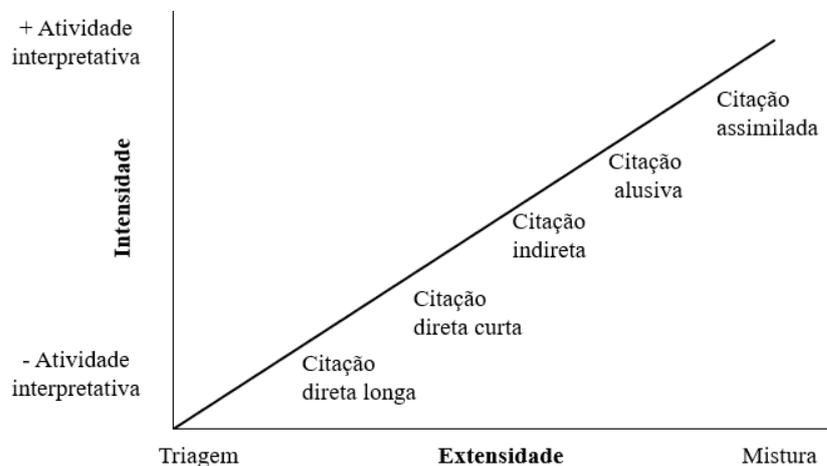
⁵ Empréstimo do termo referente aos tipos de intertextualidade.

em que começam a se estabelecer as primeiras normas explícitas de referência entre parênteses no interior dos textos científicos, cujas estratégias enunciativas de tal prática figuravam anteriormente em notas de rodapé (Chernin, 1988). Segundo Moreira, Santos e Portela (no prelo), a economia diz respeito ao fato de aparecer apenas um item citacional, seja entre parênteses ou em nota de rodapé. Esse tipo de paráfrase apresenta mais intensamente uma ausência de informações, dificultando o trabalho do analista na busca pelas fontes.

Destacamos que o reconhecimento público só fica prejudicado, de maneira quase irreparável, na citação assimilada, devido à ausência total de referência ao texto-citado, ficando, o discurso desse texto, completamente incorporado ao discurso enunciado pelo texto-citante. Nesse caso, a conjunção de dois enunciados se torna o principal operador e é quando ocorre a tonicidade máxima da mistura, na qual temos uma fusão completa entre os enunciados enunciados (Zilberberg, 2000).

Pensando nos elementos da HL, nos princípios de influência, e da semiótica tensiva, reelaboramos a tipologia das citações em um gráfico tensivo, acoplando, no modelo: as normas de citação e os tipos de textualidade (Moreira; Santos; Portela, no prelo).

Figura 2: Tipologia das citações tensivas da perspectiva da atividade interpretativa e dos itens citacionais e vestigiais.



Fonte: Moreira, Santos e Portela (no prelo).

Feitas essas considerações a respeito da influência, descrevemos agora como a percepção está ancorada ou não no escopo teórico-metodológico da semiótica discursiva. De fato, já em *Sémantique Structurale* (1966), Greimas destaca a influência da fenomenologia na Europa, observação que parece servir de justificativa para o autor, que aderiu a esse pensamento, quando ele afirma:

[...] reconhecendo nossas preferências subjetivas pela teoria da percepção tal qual foi recentemente desenvolvida, na França, por Merleau-Ponty, nós ressaltamos, no entanto, que essa atitude epistemológica parece ser também a das ciências humanas do século XX em geral (Greimas, 1966, p. 9, tradução nossa).⁶

Em vista desse reconhecimento público de adesão às ideias merleau-pontyanas, notamos que os estudos semânticos desenvolvidos em outros lugares também estavam interessados nessa postura mais fenomenológica, questão que também será abordada nesta discussão.

Ainda sobre a construção desse pensamento greimasiano, quando Greimas (1966) procede a uma descrição sêmica no nível semiológico, aparecem explicitamente, pela primeira vez na *Sémantique Structurale*, os termos de cunho fenomenológico, mais especificamente, da percepção, sendo eles: exteroceptivo, interoceptivo e proprioceptivo, na seção “As possibilidades da descrição semiológica – a construção de linguagens em linguística aplicada” (Greimas, 1966, p. 65).

Os termos *exteroceptivos*, *interoceptivos* e *proprioceptivos* são utilizados por Greimas para explicar como “a análise sêmica do nível semiológico da linguagem aparece como a primeira tarefa da semântica estrutural” (Greimas, 1966, p. 65), uma vez que essa análise traria inúmeros benefícios para diferentes abordagens na linguística aplicada, entre elas a tradução automática. Nessa explicação, o autor utiliza o estudo de Ross Quillian sobre a descrição de um universo semântico que possui uma linguagem totalmente construída e que se assemelha aos semas de sua *Sémantique Structurale* (1966). Ao colocar o inventário de Quillian, Greimas mostra a situação dos estudos semânticos da época, visto que permite “interpretações múltiplas”:

[...] Em um quadro (p. 150) que indica, a título exploratório, as dimensões prováveis desta linguagem, encontraremos, ao lado das sensações *proprioceptivas* e *interoceptivas*, sobre as quais Quillian não ousa se pronunciar ainda, e aos quais ele separa 25 semas quaisquer para construir posteriormente, uma lista de graduações *exteroceptivas*, que nós reproduzimos tal qual [...].

- a) As cinco escalas abstratas: “Número” (o continuum do número real), “Correlação” (no sentido estatístico), “Composição” (noção de todo-parte ou todo-aspecto), “Semelhança”, “Derivada” (no sentido matemático);
- b) Escalas visuais: matiz, brilho, saturação;
- c) Escalas Temporais: tempo, duração (com subscritos);
- d) Grau de Existência, grau de consciência;

⁶ Trecho original: “Tout en reconnaissant nos préférences subjectives pour la théorie de la perception telle qu’elle a été naguère développée en France par Merleau-Ponty, nous ferons remarquer cependant que cette attitude épistémologique semble être aussi celle des sciences humaines du XXe siècle en général”.

- e) Escalas auditivas: altura, intensidade;
- f) Escalas Gustativas: doçura, acidez, salinidade e amargor;
- g) Escalas Olfativas: ainda não determinadas;
- h) Escalas Cutâneas: ainda não determinadas (para g e h: digamos, 25 máx.) (Greimas, 1966, p. 65-66, grifos do autor, tradução nossa).⁷

Antes de analisarmos a crítica de Greimas (1966) ao trabalho de Quillian (1962), é importante retomarmos esses elementos relacionados à percepção, a fim de complementarmos a cartografia anterior, mas também porque eles nos direcionam aos trabalhos de Merleau-Ponty (1999 [1945]), Sherrington (1906) e Allport (1955).

De um lado, os conceitos de exterocepção e interocepção são utilizados, na *Fenomenologia da percepção* (Merleau-Ponty, 1999 [1945]), para caracterizar os estímulos que o corpo recebe; a propriocepção, entretanto, aparece quando o autor aborda o “esquema corporal” que, *grosso modo*, é o resumo das nossas experiências corporais. Diante disso, pode-se afirmar que os três termos aparecem em Merleau-Ponty (1942, 1999 [1945]) como uma resposta filosófica à Charles Scott Sherrington (1857-1952), neurofisiologista, ganhador do prêmio Nobel de fisiologia ou medicina em 1932, e quem introduziu essa terminologia em 1906, com o objetivo de abordar as sensibilidades visceral, externa e cinestésica.

De outro lado, como apontado anteriormente, a semântica de Ross Quillian também se apoia nos mesmos termos para caracterizar as especificidades perceptivas do sentido dado às coisas, mais especificamente, nomeando-as de constelações de leitura das escalas estabelecidas,⁸ pois o autor acreditava que o universo do sentido humano se homologava ao universo da composição química, isto é, poderia ser descrito em um número pequeno de elementos variáveis: “[...] ou seja, sensibilidades em escalas definidas em um único nível de totalidade

⁷ Trecho original: “Dans un tableau (p. 150) qui indique, à titre exploratoire, les dimensions probables de ce langage, on trouvera, à côté des sensations proprioceptives et interoceptives, sur lesquelles Quillian n’ose pas encore se prononcer et auxquelles il réserve quelque 25 sèmes à construire ultérieurement, une liste d’échelles extéroceptives, que nous reproduisons telle quelle”. [...] “a) The five Abstract Scales: ‘Number’ (the real number continuum), ‘Correlation’ (in the statistical sense), ‘Make-up’ (notion of whole-to-part or whole-to-aspect), ‘Similarity’, ‘Derivative’ (in the mathematical sense); b) Visual Scales: hue, brightness, saturation; c) Temporal Scales: time, length (with subscripts) d) Degree of Existence, degree of awareness; e) Auditory Scales: pitch, loudness; f) Gustatory Scales: sweetness, souriness, saltiness and bitterness; g) Olfactory Scales: not yet determined; h) Cutaneous Scales: not yet determined (para g e h: say, 25 max)” (Greimas, 1966, p. 65-66).

⁸ Infelizmente, a fonte original do trabalho de Ross Quillian – apresentado em 1961 no Colloquium on Semantic Problems in Language, em Cambridge – utilizada por Greimas não está disponível on-line. Tivemos acesso ao artigo publicado no ano seguinte, 1962, intitulado “A Revised Design for an Understanding Machine”.

muito baixo, além de uma sintaxe para construir combinações de tais leituras” (Quillian, 1962, p. 22, tradução nossa).⁹

Nesse artigo de 1962, a proposta de Quillian seria a de providenciar meios de armazenamento (memória semântica) do significado das palavras da língua natural que fornecem elementos que se aproximam do entendimento humano, no caso, para traduções automáticas de alta qualidade. Dessa forma, seria possível e necessário estratificar o que ele chama de corpo geral de informação semântica segundo os conceitos e suas complexidades. Ao tratar do meio para armazenamento de informações semânticas e das dimensões que possam servir como escalas de elementos, ele deixa claro que:

Em terceiro lugar, há as próprias escalas de elementos. Como minhas simpatias são primordialmente fenomenológicas, primeiro mencionarei cinco escalas de natureza especialmente abstrata e, em seguida, direcionarei o restante da discussão em torno dos sentidos humanos, tentando, a propósito, indicar como vários tipos de conceitos que normalmente não são considerados sensoriais podem ser vistos em termos de combinações dessas variáveis. As cinco escalas abstratas são: uma dimensão chamada “Número”, representando o continuum de números reais, uma de “Correlação” (no sentido estatístico), uma de “Composição” (representando a noção de todo-parte ou todo-aspecto), uma de “Similaridade” e uma de “Derivada” (no sentido matemático). Feito isso, vamos nos voltar para a sensação visual, em que as dimensões básicas estão geralmente de acordo (Quillian, 1962, p. 25, tradução nossa)¹⁰.

Observa-se que, nesse artigo, as escalas são as mesmas citadas por Greimas e, depois da sensação visual, Ross também aborda as demais, mas, diferentemente do texto anterior, é perceptível que o autor tenta explicar mais amplamente o que ele entende por essas escalas perceptivas. Se, em 1961, as escalas proprioceptivas e interoceptivas estavam indeterminadas (Greimas, 1966, p. 66), no texto de 1962, o autor diz que:

Um conjunto de escalas de elementos experimentais também será utilizado para lidar com o significado baseado nas sensações proprioceptiva e interoceptiva. É em grande parte a partir deste tipo de dados sensoriais que a pessoa constrói as suas noções de

⁹ Trecho original: “[...] i.e., on scaled sensitivities defined at a single very low wholeness level, plus a syntax for building up combinations of such readings” (Quillian, 1962, p. 22).

¹⁰ Trecho original: “Thirdly, there are the element scales themselves. Since my sympathies are primarily phenomenological, I shall first mention five scales of an especially abstract nature, and then pivot the rest of the discussion around the human senses, attempting in passing to indicate how several types of concepts not ordinarily thought of as sensory can be viewed in terms of combinations of such variables. The five abstract scales are: a dimension called “Number”, representing the real number continuum, one of “Correlation” (in the statistical sense), one of “Makeup” (representing the notion of whole-to-part or whole-to-aspect), one of “Similarity”, and one of “Derivative” (in the mathematical sense). This done, let us now turn to visual sensation, where basic dimensions are generally agreed upon” (Quillian, 1962, p. 25).

emoção, fadiga etc., e em parte a partir delas que constrói as noções de atividade muscular (Quillian, 1962, p. 22, tradução nossa).¹¹

Apesar da assertiva, na citação anterior, de que suas simpatias são principalmente fenomenológicas, nesta última, não temos, ao longo do texto, elementos citacionais que demonstrem qual seria a sua afiliação teórica. Mas, pela nota de rodapé de número 3 – “Allport, Floyd H., *Theories of Perception and the Concept of Structure*, John Wiley and Sons, New York (1955), pg. 555” (Quillian, 1962, p. 22) –, vinculada à declaração de que “Allport referiu-se muito adequadamente a este fato de que o significado humano está simultaneamente presente em diferentes níveis sobrepostos, afirmando que o significado está presente em diferentes ‘níveis de totalidade’” (Quillian, 1962, p. 21-22, grifos nossos, tradução nossa),¹² pode-se levantar a hipótese de que, de alguma forma, ele estaria mais próximo da teoria da *gestalt*.

De maneira geral, a obra de Allport (1955) é uma crítica analítica às mais diversas teorias da percepção, e o conceito de *wholeness levels* diz respeito ao capítulo 19, intitulado “The unsolved problem of meaning” (Allport, 1955, p. 531). Segundo o autor, o significado é um aspecto básico da percepção pouco explorado: “é o processo pelo qual se percebe o caráter concreto dos objetos e das situações – o *significado* que se experimenta em relação ao mundo” (Allport, 1955, p. 531, tradução nossa).¹³

Como Quillian (1962) tem interesse em criar entradas para o armazenamento computacional das informações semânticas, enquanto combinações de leituras em escalas do menor nível do sentido, com as menores partes invariantes, independentemente das possíveis combinações futuras, diferentemente da semântica greimasiana, ou ainda do *percurso gerativo de sentido*, a semântica desse pesquisador não estava preocupada com as unidades mínimas do texto, mas com as palavras (morfemas) e expressões idiomáticas, como evidencia a afirmação a seguir – tomada de posição que justifica a crítica de Greimas (1966) na *Sémantique*.

Nossa definição também parece levantar algumas questões para o texto em linguagem natural, porque as unidades de significado fornecidas em tal texto são de vários níveis de totalidade simultâneos (palavras, frases, sentenças etc.). No entanto, é evidente que queremos armazenar o significado em nosso dicionário

¹¹ Trecho original: “Some set of tentative element scales will also have to be used to deal with meaning based on proprioceptive and interoceptive sensation. It is largely from this kind of sensory data that the person builds up his notions of emotion, fatigue, etc., and partly from it that he builds up notions of muscular activity” (Quillian, 1962, p. 22).

¹² Trecho original: “Allport has most appropriately referred to this fact that human meaning is simultaneously present in different, overlapping levels by stating that meaning is present at different ‘wholeness levels’” (Quillian, 1962, p. 21-22).

¹³ Trecho original: “[...] it is the process by which one perceives the concrete character of objects and situations – the meaning that one experiences with respect to one’s world” (Allport, 1955, p. 531).

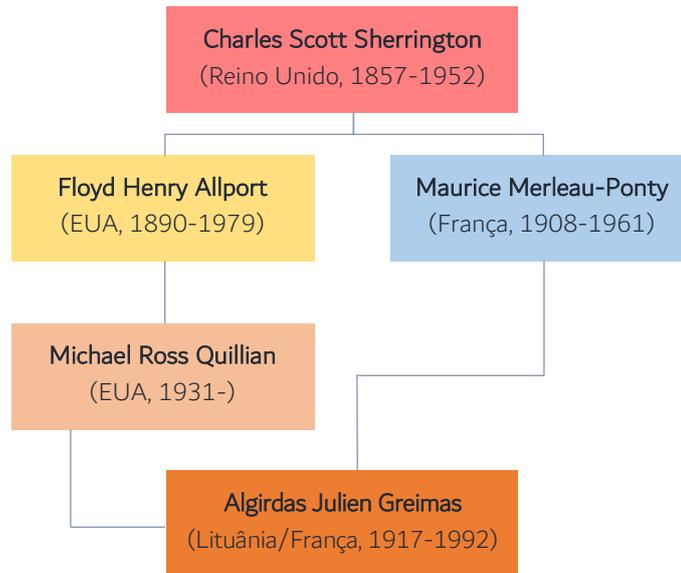
em blocos que correspondam em nível de totalidade às menores unidades nas quais ele é fornecido, ou seja, palavras (ou morfemas) e expressões idiomáticas. (Como passar de unidades de significado no nível de totalidade dos morfemas para unidades no nível de totalidade das frases e assim por diante está fora do escopo deste trabalho; aqui estamos preocupados apenas com o fornecimento de um material apropriado para essa combinação (Quillian, 1962, p. 23, *tradução nossa*).¹⁴

Apesar de Greimas (1966) refutar o trabalho de Quillian (1962) por meio de citação direta (reconhecimento público), para o historiógrafo, essa citação corresponde a um material que não só presencia um clima de opinião acerca da percepção em diferentes teorias semânticas, tendo em vista o que elas estavam buscando naquele período, e em contextos diversos, como também possibilita lançar a hipótese de que o mesmo *zeitgeist* sentido nas duas teorias – as escolhas, as preferências de fenomenologias diferentes, por exemplo –, levaram esses dois autores a caminhos epistemológicos distintos: uma semântica voltada à inteligência artificial e à problemática da tradução mecânica, com Quillian, nos Estados Unidos; e uma semântica ou ainda semiótica voltada a uma teoria mais geral da significação e das práticas sociais que envolvem o problema do sentido, com Greimas, na França.

Na Figura 3, vemos que ambos os autores têm, em seus trabalhos, referências teóricas iguais, direta ou indiretamente, sobre essa influência da fenomenologia, isto é, da percepção (exterocepção, interocepção, propriocepção), para entender o mundo semântico, o sentido humano e como as coisas do mundo são percebidas e fazem sentido para nós, mesmo que tenham objetivos distintos. Além disso, no diagrama representado na Figura 3, nota-se que Sherrington (1906), o primeiro a mencionar a tipologia da percepção, foi citado por Merleau-Ponty em 1942 e 1945 (citação alusiva) e Allport em 1955 (citação indireta, alusiva, entre outras). Allport (1955) foi citado por Ross Quillian em 1962 (citação indireta simples) e tanto este quanto Merleau-Ponty (1999 [1945]) foram citados por Greimas em 1966 (o primeiro, via citação direta longa e, o segundo, por intermédio de citação alusiva):

¹⁴ Trecho original: “Our definition also seems to raise some question for natural language text, because the given units of meaning in such text are of several simultaneous wholeness levels (words, phrases, sentences, etc.). But, clearly we will want to store meaning in our dictionary in blocks which correspond in wholeness level to the smallest units at which it is given, namely words (or morphemes) and idioms. (How to move up from units of meaning at the wholeness level of morphemes into units at the wholeness level of phrases and so on is outside the scope of this paper; here we are concerned only with the provision of an appropriate material for such combining” (Quillian, 1962, p. 23).

Figura 3: Influência da percepção na teoria semântica do século XX.



Fonte: Elaboração nossa.

Voltando à crítica negativa de Greimas, vejamos como uma análise que ele faz na obra *Maupassant. La sémiotique du texte: exercices pratiques* (1976) vai ao encontro da ideia que Quillian tem sobre a significação humana. Segundo Quillian (1962), quando uma pessoa age diante de uma informação, consciente ou com mais ou menos consciência das informações que ela tem, estas seguem para algum tipo de centro, que dirige a ação da pessoa: “Ela [a informação] flui dos exteroceptores conectados ao mundo externo, dos interoceptores e proprioceptores que descrevem as condições dentro de seu corpo e de sua ‘memória’” (Quillian, 1962, p. 19, tradução nossa).¹⁵

Para Quillian, em algum momento, as informações recebidas sensorialmente entram em conformidade com os padrões que o sujeito tem, criando, assim, um momento significativo.

Quando Greimas analisa, em *Maupassant. La sémiotique du texte: exercices pratiques* (1976), o conto *Deux amis* de Maupassant (1883 *apud* Greimas, 1976), ele oferece, ao semioticista, uma amostra de exercícios práticos para a manipulação de textos (Moreira, 2019). Destaca-se aqui a *V sequência* da análise, quando o autor trata das condições de uma boa pesca e uma possível intertextualidade (citação alusiva) com Jean-Jacques Rousseau e sua descrição de um estado de alma que lhe permite “sentir prazer com sua existência” (Greimas, 1976, p. 132). Nesse caso, observa-se a mudança dos estados de alma

¹⁵ Trecho original: “It flows in from exteroceptors connected to the outside world, from interoceptors and proprioceptors describing conditions within his body, and also from his ‘memory’” (Quillian, 1962, p. 19).

dos sujeitos que buscam a alegria, reduzindo-se fenomenologicamente, unindo-se (“participando”) ao universo (Moreira, 2019).

Segundo Moreira (2019), temos a transformação do estado do sujeito pelo apagamento das atividades do sujeito do fazer, como interpreta Greimas (1976), via percepção, o corpo e a paixão. Dessa forma, para se ter uma boa pesca, os personagens devem preencher três requisitos. De acordo com Greimas (1976), essas condições são negativas, como observamos nas transformações que seguem: (1) “eles não escutavam mais nada”; (2) “eles não pensavam em mais nada”; (3) “eles ignoravam o resto do mundo” (Greimas, 1976, p. 132, tradução nossa).¹⁶

No primeiro enunciado, as personagens não escutavam mais nada, negando a atividade do sujeito, ou seja, o fazer exteroceptivo. No segundo, os amigos já não pensavam em mais nada, negando o fazer interoceptivo, pois estavam negando a inteligência e o afeto que o sujeito apresenta como visão de mundo. Conseqüentemente, segundo Greimas (1976, p. 132-133), nega-se, por último e ao mesmo tempo, o ser do sujeito, produzindo, no terceiro enunciado, um estado de não-saber, em que a dimensão afetiva, o ignorar, diz respeito à união da interocepção e da exterocepção (propriocepção). Greimas (1976) conclui que a boa pesca, no plano figurativo, é a alegria e a consciência do que seja a pesca.

Essa análise desenvolvida pelo autor é fenomenológica, uma vez que a construção do sentido se dá na visada do sujeito sobre o fenômeno do mundo mediante suas percepções e sensações.

Considerações finais

Tendo em vista os dados obtidos e interpretados sobre a percepção, é possível observar que o entendimento de Quillian (1962) sobre como os sujeitos agem no mundo e a análise que Greimas (1976) faz dos sujeitos fictícios também agindo no mundo são similares. Embora o semiótico lituano esteja afiliado à fenomenologia de Merleau-Ponty e tenha refutado a tipologia do semanticista estadunidense em sua *Sémantique Structurale* (1966), poderíamos nos indagar se, em *Maupassant*, ainda que Quillian (1962) não seja citado de forma direta, como na obra fundadora da semiótica, quando sua tipologia foi refutada, Greimas (1976) faz referência não só a Merleau-Ponty (1999 [1945]), mas a ele também?

Talvez exista essa pequena possibilidade, uma vez que o próprio Greimas (1966) admite ao criticar Quillian (1962), quando propõe descrever o universo semântico com elementos “constituídos por escalas de graduação, [que estes] se

¹⁶ Trecho original: “(1) ‘ils n’écoutaient plus rien’ / (2) ‘ils ne pensaient plus à rien’ / (3) ‘ils ignoraient le reste du monde’” (Greimas, 1976, p. 132).

assemelham bastante aos nossos semas” (Greimas, 1966, p. 65, tradução nossa).¹⁷ Isso quer dizer que a tipologia das redes citacionais e dos itens vestigiais podem auxiliar nos estudos que buscam compreender mais amplamente o espírito de época e afirmar ou levantar hipóteses de possíveis influências, sendo elas explícitas, alusivas ou assimiladas.

Retomando, portanto, nossa hipótese inicial, de que o conceito de percepção é um elemento de aspecto contínuo na teoria, desde *Sémantique Structurale* (1966), acreditamos também que mais do que uma intimação, a chamada *virada fenomenológica* orientou análises semióticas que envolviam elementos sensíveis, como vimos no caso da pesca no conto de Maupassant que Greimas (1976) analisa. Isso nos permite afirmar que a percepção, via fenomenologia, vai além da retórica, e pode ser útil para o ferramental teórico-metodológico da semiótica discursiva.

Encerramos com a certeza de que, pelo recorte escolhido e pelo espaço, esse assunto ainda não foi esgotado, e esperamos que, em trabalhos futuros, possamos observar se nossa hipótese se sustenta em outras pesquisas de semiotistas greimasianos e pós-greimasianos. ●

Agradecimentos

Agradeço a Jean Cristtus Portela e Flavia Karla Ribeiro Santos pelas discussões teóricas e críticas deste trabalho.

Referências

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ALLPORT, Floyd Henry. *Theories of Perception and the Concept of Structure*. New York: John Wiley and Sons, 1955.
- ALTMAN, Cristina. Retrospectivas e perspectivas da historiografia da linguística no Brasil. *Revista Argentina de historiografia linguística*, v. 2, n. 1, 2009, p. 115-136. Disponível em: <https://www.rahl.ar/index.php/rahl/article/view/12/136>. Acesso em: 14 set. 2023.
- BATISTA, Ronaldo de Oliveira. História e historiografia da linguística: um mapa de orientação. In: BATISTA, Ronaldo de Oliveira; BASTOS, Neusa Barbosa (org.). *Questões em historiografia da linguística: homenagem a Cristina Altman*. São Paulo: Pá de Palavra, 2020. p. 50-73.
- BEVIDAS, Waldir. A dimensão do afeto em semiótica: entre fenomenologia e a semiologia. In: MARCHEZAN, Renata Coelho; CORTINA, Arnaldo; BRAQUIÃO, Rubens César. (org.). *A abordagem dos afetos na semiótica*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011. p. 11-33.
- CHERNIN, Eli. The “Harvard system”: a mystery dispelled. *BMJ*, v. 297, n. 6655, p. 1062-1063, 1988. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC1834803/pdf/bmj00308-0078.pdf>. Acesso em: 14 set 2023.

¹⁷ Trecho original: “[...] constitutifs des échelles de graduation, [qui ils] ressemblent d’assez près à nos sèmes” (Greimas, 1966, p. 65).

- COLOMBAT, Bernard; FOURNIER, Jean-Marie; PUECH, Christian. *Histoire des idées sur le langage et les langues*. Paris: Klincksieck, 2015.
- COURTÉS, Joseph. Introduction à la sémantique de l'énoncé: exercice pratique. *Actes Sémiotiques – Documents*, v. 8, n. 73-74, p. 5-63, 1986. Disponível em: <https://www.pulim.unilim.fr/produit/introduction-a-la-semantique-de-lenonce-exercice-pratique-actes-semiotiques-document-n73-74/>. Acesso em: 27 set. 2023.
- DOSSE, François. *História do estruturalismo*. Trad. Álvaro Cabral. Bauru: EDUSC, 2007. v. 1.
- FONTANILLE, Jacques. *Sémiotique et littérature*. Essais de méthode. Paris: PUF, 1999.
- GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. *Dicionário de semiótica*. Trad. Diana Luz Pessoa de Barros *et al.* São Paulo: Contexto, 2008 [1979].
- GREIMAS, Algirdas Julien. *De l'imperfection*. Périgueux: P. Fanlac, 1987.
- GREIMAS, Algirdas Julien. L'actualité du saussurisme. *Le français moderne*, n. 24, p. 191-203, 1956. Disponível em: http://www.revue-texto.net/Saussure/Sur_Saussure/Greimas_Actualite.html. Acesso em: 14 set. 2023.
- GREIMAS, Algirdas Julien. *Maupassant*. La sémiotique du texte: exercices pratiques. Paris: Éditions du Seuil, 1976.
- GREIMAS, Algirdas, Julien. *Sémantique Structurale*. Paris: Larousse, 1966.
- HUSSERL, Edmund. *Méditations cartésiennes*. Paris: Vrin, 1966.
- KOERNER, Ernst Frideryk Konrad. *Quatro décadas de historiografia linguística: estudos selecionados*. 1. ed. Braga: Centro de Estudos em Letras, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. v. 11, 2014. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/292976292_Quatro_decadas_de_historiografia_linguistica_estudos_selecionados. Acesso em: 27 set. 2023.
- LE PETIT ROBERT. *Dictionnaire alphabétique et analogique de la langue française*. Paris: Dictionnaires Le Robert, 2007.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Ática, 1999 [1945].
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *La structure du comportement*. Paris: Presses Universitaires, 1942.
- MOREIRA, Patricia Veronica. *A emergência do sensível na semiótica discursiva*. uma abordagem historiográfica. 2019. 285 p. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Programa de Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara e l'École Doctorale "Cognition – Comportements – Langage(s)". Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2019. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/190841/moreira_pv_dr_arafcl.pdf?sequence=3&isAllowed=y. Acesso em: 15 nov. 2019.
- MOREIRA, Patricia Veronica; PORTELA, Jean Cristtus. Cartografia do sensível. As relações entre o inteligível e o sensível na semiótica discursiva. *Acta Semiotica et Lingvistica*, v. 27, n. 3, 2022. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/238558>. Acesso em: 14 set. 2023.
- MOREIRA, Patricia Veronica; PORTELA, Jean Cristtus. O contágio na semiótica brasileira: uma questão semio-historiográfica. *Estudos Semióticos*, v. 17, n. 1, p. 37-55, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2021.181583>. Acesso em: 14 set. 2023.
- MOREIRA, Patricia Veronica; SANTOS, Flavia Karla Ribeiro; PORTELA, Jean Cristtus. A citação em textos científicos: uma análise semio-historiográfica do argumento de influência. *Estudos Linguísticos*, v. 50, n. 1, p. 262-280, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.21165/el.v50i1.2945>. Acesso em: 14 set. 2023.
- MOREIRA, Patricia Veronica; SANTOS, Flavia Karla Ribeiro; PORTELA, Jean Cristtus. Sémiotique et historiographie linguistique: contributions à une typologie des citations. In: BIGLARI, Amir (ed.). *La semiotique et ses potentiels*. [s.l.]: [s.n.], [2024?]. No prelo.

- PORTELA, Jean Cristtus. História das ideias semióticas: entre cronistas e inovadores. *Estudos Semióticos*, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 138-143, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2018.144317>. Acesso em: 02 abr. 2018.
- QUILLIAN, Ross Michael. A revised design for an understanding machine. *Mechanical translation*, v. 7, n. 1, p. 17-29, 1962. Disponível em: <https://aclanthology.org/www.mt-archive.info/MT-1962-Quillian.pdf>. Acesso em: 14 set. 2023.
- SANTOS, Flavia Karla Ribeiro. *O conceito de figuratividade e as práticas de institucionalização da semiótica no Brasil e na França*. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa. Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara. 2020. 347p. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/192989/santos_fkr_dr_arafcl.pdf?sequence=5&isAllowed=y. Acesso em: 30 jun. 2020.
- SHERRINGTON, Charles Scott. *The Integrative Action of the Nervous System*. New Haven, CT: Yale University Press, 1906.
- SWIGGERS, Pierre. A Historiografia da Linguística: objeto, objetivos, organização. *Confluência*, n. 44/45, 2013. Disponível em: <https://revistaconfluencia.org.br/rc/article/view/602/385>. Acesso em: 8 abr. 2016.
- SWIGGERS, Pierre. La historiografia de la lingüística: apuntes y reflexiones. *Revista Argentina de historiografía lingüística*, v. 1, n. 1, p. 67-76, 2009. Disponível em: <https://www.rahl.ar/index.php/rahl/article/view/6/18>. Acesso em: 14 set. 2023.
- SWIGGERS, Pierre. Linguistic historiography: a metatheoretical synopsis. *Todas as Letras*, v. 19, n. 2, p. 73-96, maio/ago. 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5935/1980-6914/letras.v19n2p73-96>. Acesso em: 8 abr. 2019.
- TINOCO, Carlos. *La sensation*. Paris: Flammarion, 1997.
- WOLFF, Francis. *Nossa humanidade*. de Aristóteles às neurociências. Trad. Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Editora Unesp, 2012.
- ZILBERBERG, Claude. *Elementos de semiótica tensiva*. Trad. Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit e Waldir Bevidas. São Paulo: Ateliê Editorial, 2011.
- ZILBERBERG, Claude; FONTANILLE, Jacques. *Tensão e significação*. Trad. Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit e Waldir Bevidas. São Paulo: Discurso Editorial, Humanitas/FFLCH/USP, 2001.
- ZILBERBERG, Claude. Les contraintes sémiotiques du métissage. *Tangence*, n. 64, p. 8-24, 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.7202/008188ar>. Acesso em: 14 set. 2023.

 **Perception in Semiotics of discourse: contributions from semio-historiography**

 MOREIRA, Patricia Veronica

Abstract: There are questions in the semiotic community about the type of presence of Merleau-Ponty's (1999 [1945]) phenomenology in discursive semiotics (e.g., Zilberberg, 2011). To contribute to the discussion, the main aim of this paper is to revisit the concept of perception in *Sémantique Structurale* (1966) and *Maupassant. La sémiotique du texte: exercices pratiques* (1976), both written by Algirdas Julien Greimas, correlating them with earlier sources (Merleau-Ponty, 1999 [1945]; Allport, 1955; Quillian, 1962). This debate, which is very interesting to the issue of the sensitivity in the Greimasian project, is based on Linguistic Historiography (Altman, 2009; Koerner, 2014; Swiggers, 2009, 2013), regarding the principle of influence, and in Tensive Semiotics (Zilberberg, 2000; Zilberberg, Fontanille, 2001), on miscegenation, reaching a semio-historiographical analysis of tensive citations (Santos, 2020; Moreira; Santos; Portela, 2021) to establish to what extent perception is part of the theoretical-methodological scope of the theory, or if it belongs only to the scope of rhetoric in Greimas' early works.

Keywords: semiotics of discourse; perception; semio-historiography; sensitivity.

Como citar este artigo

MOREIRA, Patricia Veronica. A percepção na semiótica discursiva: contribuições da semio-historiografia. *Estudos Semióticos* [online], vol. 19, n. 3. São Paulo, dezembro de 2023. p. 169-188. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse>. Acesso em: dia/mês/ano.

How to cite this paper

MOREIRA, Patricia Veronica. A percepção na semiótica discursiva: contribuições da semio-historiografia. *Estudos Semióticos* [online], vol. 19, issue 3. São Paulo, December 2023. p. 169-188. Retrieved from: <https://www.revistas.usp.br/esse>. Accessed: month/day/year.

Data de recebimento do artigo: 27/08/2023.

Data de aprovação do artigo: 06/10/2023.

Este trabalho está disponível sob uma Licença Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0 Internacional.

This work is licensed under a Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0 International License.

